

Compreendendo o Corpo a partir das Práticas de Organização: Etnografia de uma Organização Artesanal

Lara Rezende, Josiane Silva de Oliveira, Euna Cristina Lima Mendes Adorno

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi compreender como o corpo constitui as práticas de organização de um espaço artesanal na cidade de Goiás, Goiás. Realizamos uma aproximação teórica entre os conceitos de práticas e de corpo a partir dos debates propostos por Michel de Certeau. A metodologia de pesquisa utilizada foi a etnografia, que envolve realizar entrevistas informais de histórias de vida, bem como observações participantes em uma organização artesanal que atua na área gastronômica na produção do “empadão goiano”. A pesquisa foi realizada entre os meses de agosto de 2015 e fevereiro de 2016, na cidade de Goiás, interior do Estado de Goiás. A organização artesanal em estudo atua na produção do “empadão goiano”, considerado uma comida típica goiana e que está em processo de reconhecimento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN] como patrimônio cultural imaterial no Brasil. Como contribuição aos Estudos Organizacionais, especialmente aos Estudos Baseados em Práticas, postulamos que as práticas de organização se constituem a partir de micropolíticas do corpo no cotidiano de vida social, especialmente na produção do cotidiano organizacional.

Palavras-chave: Práticas de organização; Corpo; Organização artesanal; Etnografia; Goiás.

Understanding the Body from Practices of Organization: Ethnography of an Artisan Organization

ABSTRACT

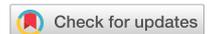
The objective of this research was to understand how the body constitutes the practices of organization of an artisan space in the city of Goiás, Goiás. For this purpose, we carried out a theoretical approach between the concepts of practices and body based on the debates proposed by Michel de Certeau. Ethnography was the research methodology employed involving informal life-story interviews as well as participant observations in an artisanal organization acting in the gastronomic sector, which produces “empadão goiano”. The survey was carried out between the months of August 2015 and February 2016 in Cidade de Goiás, state of Goiás, Brazil. The artisanal organization which is our object of study works with the production of “empadão goiano”, regarded as a typical food in the state of Goiás and it is currently undergoing a process of acknowledgement by the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN – Institute of National Historical and Artistic Heritage] as immaterial and cultural patrimony of Brazil. As a contribution to the Organizational Studies, especially to Practice-based Studies, we understand that the organizational practices are constituted from micro policies of the body in the social daily life, especially regarding the production of the organizational routine.

Keywords: Organizational practices; Body; Artisan organization; Ethnography; Goiás.

Recebido em: 23/07/2017

Aprovado em: 31/12/2017

Última Modificação: 12/02/2018



Lara Rezende 

Graduanda em Administração - Universidade Federal de Goiás, Regional Goiás, Brasil
Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG)/CAPES

larareezende@gmail.com

Josiane Silva de Oliveira 

Doutora em Administração pelo Programa de pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGA/UFRGS), Brasil
Professora do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (PPA/UEM)
Professora do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Goiás (PPGADM/UFG)

oliveira.josianesilva@gmail.com

Euna Cristina Lima Mendes Adorno 

Mestranda em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Goiás (PPGADM/UFG)

eunamendes@hotmail.com

Introdução

A consolidação do campo dos Estudos Baseados em Práticas (EBP) nos Estudos Organizacionais tem despertado diferentes abordagens teóricas (Corradi, Gherardi & Verzelloni, 2010; Santos & Alcadipani, 2015; Antonello & Flach, 2011; Yakhlef, 2010; Leite-da-Silva, Carrieri & Souza, 2012) e metodológicas (Bispo, 2015; Oliveira & Cavedon, 2013; Tureta & Alcadipani, 2011; Gherardi, 2012) envolvendo discussões sobre o conceito de práticas e suas possíveis articulações com outros conceitos de análises organizacionais.

Nesse contexto, a literatura em estudos organizacionais apresenta uma lacuna teórica no entendimento sobre como o corpo pode ser compreendido a partir da perspectiva das práticas de organização (Figueiredo & Cavedon, 2015; Flores Pereira, Davel & Cavedon, 2008; Schatzki, 2006; Harding, 2002). Com o intuito de avançar teoricamente nesse sentido, nosso estudo propõe um debate sobre como o corpo pode ser compreendido a partir das práticas nas organizações, tendo por base as proposições teóricas de Certeau (2008). Apesar de alguns estudos enfatizarem a relevância das pesquisas sobre o corpo na área de Administração, seja em termos de cultura organizacional (Flores-Pereira, Davel & Cavedon, 2008) ou na transmissão do saber-fazer (Figueiredo, 2013), Dale (2001) destaca que a pouca atenção apresentada ao corpo na área de Administração ocorre, pois a experiência corporal é compreendida como uma dimensão biológica e fisiológica pelos gestores, tendo como efeito não enfatizar a experiência e produção sociocultural do corpo nas relações de trabalho a partir de nossas práticas cotidianas.

Já apropriado aos EBP em diversos debates sobre o cotidiano, (Gouvêa & Ichikawa, 2015) práticas (Oliveira & Cavedon, 2013) ou estratégias (Leite-da-Silva, Carrieri & Souza, 2012) na área de Administração, o referencial teórico proposto por Certeau (2002) destaca que as práticas são nossas “maneiras de fazer” o cotidiano. Estas podem tanto se configurar a partir de tecnologias estratégicas, delimitando lugares e sujeitos de saber e de poder, como a partir de táticas, resistindo frente às imposições do cotidiano e praticando os lugares na formação de espaços sociais, que se caracterizam pela mobilidade, incompletude. Entretanto, há um conceito discutido por Certeau (2008) para compreender a dinâmica das práticas no cotidiano e que ainda não foi discutido nos EBP no Brasil: o corpo.

Para Certeau (2002), o corpo é uma produção social pelo qual os espaços se constituem. Os espaços sociais também são espaços corporais, pois as práticas do espaço possibilitam recolocar o corpo “em ação” no espaço social e compreender as multiplicidades espacialidades produzidas pelos praticantes (Dosse, 2004). Nesse sentido, falar sobre práticas é falar sobre corpo. Nesse estudo, portanto, postulamos que as práticas de organização se constituem a partir de micropolíticas do corpo nos espaços de trabalho. Entendemos micropolíticas como as relações entre as práticas estratégicas e táticas que configuram o cotidiano de vida social (Oliveira & Cavedon, 2013) e que quando articuladas às práticas corporais, desempenham especificidades das políticas organizativas.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa foi compreender como o corpo constitui as práticas de organização de um espaço artesanal

na cidade de Goiás, no estado de Goiás. Adotamos como estratégia metodológica a etnografia, que consiste no aprendizado do dizer e do fazer do campo de pesquisa a partir das vicissitudes da tradução (Clifford, 2008). Para o desenvolvimento desse processo, utilizamos como técnica de coleta de dados as observações participantes (DeWalt & DeWalt, 2011), descritas em diários de campo e entrevistas informais no âmbito de uma organização artesanal, cuja especialidade da mestra artesã é a produção do “empadão goiano”.

A etnografia foi realizada na cidade de Goiás, cujo “centro histórico” foi tombado no ano de 2001 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) como “Patrimônio da Humanidade” (Delgado, 2005). A organização pesquisada atua na produção artesanal do “empadão goiano”, prato típico do estado de Goiás, que está em processo de patrimonialização pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como patrimônio cultural imaterial no Brasil. A escolha da culinária como campo de estudo ocorreu, pois, conforme afirma Giard (2008), as tradições culinárias mobilizam técnicas corporais na sua disposição em executar as tarefas a partir de saberes e fazeres específicos de um modo de organização, o que está em consonância com a proposição teórica deste estudo.

A pesquisa foi desenvolvida entre os meses de agosto de 2015 e fevereiro de 2016. Ao todo, foram produzidos cinquenta e seis diários de campo, além dos relatos das entrevistas informais realizadas com a mestra artesã, denominada, neste artigo, de Marizete pela pesquisadora, que chamaremos de Maria. As análises interpretativas (Denzin & Lincoln, 1994) resultaram na construção de duas categorias temáticas de discussões, sendo estas práticas estratégicas, táticas e corpóreas nas organizações, além de espaço, lugar e corpo no trabalho.

As discussões sobre o corpo como objeto de análise já foram realizadas a partir de sua dimensão cultural (Flores-Pereira, Davel & Cavedon, 2008), da transmissão do saber-fazer artesanal (Figueiredo & Cavedon, 2015), das redes de elementos humanos e não humanos (Valentine, 2002) ou mesmo a dimensão multiespécies de constituição da vida (Wolff, 2017), o percurso de análise que propomos nesse texto destaca o corpo como categoria teórica e empírica de mediação das práticas de organização no campo do artesanato. Propomos que o corpo media as práticas estratégicas e táticas, que possibilita compreender o campo de ação dos sujeitos sociais nas organizações, com a produção de espaços e lugares nos processos organizativos, ou seja, o corpo é o local de análise da relação entre sujeito e organização. Deste modo, argumentamos que as práticas micropolíticas do corpo produzem processos organizativos.

Para a apresentação dos resultados desta pesquisa, estruturamos este artigo em quatro seções, além desta introdução. A seguir, realizamos as articulações teóricas entre prática e corpo, com base nas discussões de Certeau (2002). Na terceira seção do artigo, nos dedicamos a apresentar como o trabalho de campo foi conduzido, seguindo com os debates sobre os resultados da etnografia. Ao final, apresentamos as principais contribuições deste artigo para os Estudos Organizacionais, especialmente para os Estudos Baseados em Práticas.

Referencial teórico

Para a apresentação da construção teórica deste artigo, destacamos aos leitores que não é nosso objetivo teorizar sobre os conceitos de artesanato, maestria artesanal ou organizações artesanais. Nosso foco é debater práticas e corpo a partir das proposições de Certeau (2008; 2002). Por isso, adotamos os conceitos relacionados ao campo do artesanato empreendidos por Figueiredo (2013) e Figueiredo e Cavedon (2015).

Para as referidas autoras, tendo por base o trabalho de Peach (2007), uma das principais características do artesanato é seu entendimento a partir de manifestações culturais autênticas de determinada localidade, ou seja, que tenham um sentido especial para aqueles que compõem tais contextos culturais. Além disso, destaca Figueiredo (2013), praticar o artesanato pressupõe enfatizar a capacidade de abstração do artesão, especialmente em relação aos modelos da natureza, sendo necessário conhecimento sobre as matérias-primas utilizadas e as habilidades para transformá-las em um processo criativo. Nesse sentido, não basta que essa habilidade seja materializada apenas em trabalhos manuais. É necessário um engajamento entre corpo, mente, emoções, espaço e materiais para que a produção do artesanato seja caracterizada como manifestação cultural específica de determinada localidade (Figueiredo, 2013). A partir desses pressupostos, consideramos o “empadão goiano” um produto artesanal justamente por se caracterizar por esse engajamento com o contexto cultural do Estado de Goiás, de tal forma que inclusive se materializa em sua nomenclatura, o que é discutido pelo IPHAN (2015) no processo de patrimonialização dessa atividade.

A maestria artesanal se caracteriza pela incorporação do saber-fazer o artesanato tendo como efeito o desenvolvimento de habilidades específicas das práticas artesanais (Figueiredo & Cavedon, 2015). Sennett (2009) destaca que as habilidades do trabalho artesanal designam um trabalho humano bem feito por si mesmo, pois se configura a partir da relação íntima entre mão e cabeça, entre corpo e mente. A transmissão da maestria artesanal para o aprendiz (quem ainda não tem o domínio dessas habilidades específicas) ocorre pela incorporação das habilidades que caracterizam determinada atividade artesanal a partir das práticas cotidianas de tal atividade (Figueiredo, 2013). E esse é o ponto central destacado neste artigo, ou seja, como tais práticas, constituindo as organizações, apresentando centralidade na produção artesanal, podem ser pensadas em relação ao corpo, a partir dos debates sobre apresentados por Certeau (2002).

Práticas de Organização

A incorporação das discussões teóricas propostas por Michel de Certeau nos Estudos Baseados em Práticas (EBP) nos Estudos Organizacionais (EOR), campo sistematizado no trabalho de Feldman e Orlikowski (2011), tem sido enfaticamente realizada a partir das articulações entre os conceitos alienação e emancipação (Courpasson, 2017) de práticas (Oliveira & Cavedon, 2013), estratégias e táticas (Leite-da-Silva, Carrieri & Souza, 2012, Jarzabkowski,

2004, Golshorki, Rouleau, Seidl & Vaara, 2010), além dos conceitos de espaço e lugar (Halford & Leonard, 2006), também sustentando tais discussões. Entretanto, neste artigo, pretendemos avançar nas discussões incorporando a esses estudos o conceito de corpo, discutido por Certeau (2008; 2002).

Certeau (2008) destaca que o cotidiano no qual vivemos nos é imposto. Por muitas vezes, tal imposição faz com que o nosso direito de nos posicionarmos frente a determinada situação, ou mesmo de sermos autores de nossa história, seja limitado (Certeau, 2008). Entretanto, o referido autor nos lembra que não devemos tomar as pessoas por idiotas. Isso porque existem diferenças entre o que nos é imposto e o que apreendemos da realidade para agirmos. É justamente nesses “desencontros” que os indivíduos podem “utilizar” as imposições do cotidiano para a constituição dos desvios, das resistências de outras “maneiras de fazer” que não as impostas. Conforme destaca Courpasson (2017), essa apropriação das discussões de Certeau (2008) aos EOR possibilita a construção de uma visão dialética do cotidiano, mostrando o vínculo entre forças de alienação e forças de emancipação nas organizações.

Para Certeau (2008), as práticas são nossas “maneiras de fazer” o cotidiano que, por sua vez, é produzido e reproduzido a partir das práticas que se configuram, histórica, social e temporalmente mediante estratégias ou táticas. A dimensão estratégica das práticas corresponde às relações de forças pelas quais os sujeitos de saber e de poder podem ser isolados (Certeau, 2008). Isso porque as práticas estratégicas conferem autonomia de ação a esses sujeitos, que podem ser indivíduos, organizações ou mesmo cidades. As estratégias produzem discursos totalizantes que não apenas produzem subjetividades, mas, também, materialidades, por isso configuram inclusive locais físicos, a exemplo de uma casa, um ambiente laboral, ou até mesmo o nosso corpo (Certeau, 2008). Com efeito, as práticas estratégicas determinam aquilo que é “próprio”, a vitória do lugar sobre o tempo, a capitalização da temporalidade possibilitando o pertencimento as estratégias (Certeau, 2008). Isso, por exemplo, pode ser observado no trabalho de Jarzabkowski (2004) quando a referida autora destaca o caráter recursivo e adaptativo das estratégias organizacionais nas práticas de gestão.

As práticas táticas não têm por objetivo capitalizar as temporalidades, portanto não formam próprios (Certeau, 2008). Certeau (2008) as considera a “arte do fraco”, pois as táticas agem no lugar do “outro” jogando com o lhes é imposto. Atuando no contexto das circunstâncias, são as oportunidades de ação que as táticas “aguardam” para poder agir de forma a explicitar sua capacidade de mobilidade e improvisação (Certeau, 2008). Certeau (2008, p. 100) ainda afirma: “Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesmo um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance”.

Os jogos estabelecidos entre as estratégias e táticas no cotidiano também produzem outro conjunto de conceitos e fenômenos empíricos discutidos por Certeau (2008): os espaços e os lugares. Se o cotidiano é produzido pelas relações de forças na sociedade, Certeau (2008, p. 86) destaca que “nenhum espaço social se instala na certeza da neutralidade”. Isso porque os espaços sociais se constituem pelo “efeito produzido pelas

operações que orientam, circunstanciam, temporalizam e levam a funcionar os elementos móveis de uma unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (Certeau, 2008, p. 202).

Os espaços sociais são produzidos pelo “caminhar” dos sujeitos sociais, seja este pelas ruas da cidade ou pelo movimento de leitura de um texto (Certeau, 2008), pois, nos espaços, as relações de forças são móveis, portanto, não configuram lugares próprios, mas operam lance por lance, podendo se desviar das trajetórias produzidas e determinadas pelos saberes e poderes institucionalizados. Por isso, Certeau (2008, p. 57) dedica seu trabalho ao “caminhante inumerável”, que na existência cotidiana (re)cria seus espaços por diferentes caminhos.

O ato de “caminhar” pela cidade está para o sistema urbano assim como o ato de enunciação está para a língua (Certeau, 2008). Aproximando-se dos estudos da linguagem, Certeau (2008) destaca que “caminhar” é mais que uma descrição do cotidiano, o ato de caminhar se configura como demarcador do espaço social. Essa dinâmica de produção de demarcações no espaço é analisada por Certeau (2008; 2012) a partir do conceito de lugar. O lugar é “uma ordem de distribuição que configura posições instantâneas e estabilidade” (Certeau, 2008, p. 201) sendo exercido em relação ao “outro” para a determinação do que lhe seja próprio.

Sendo assim, não há uma relação direta entre táticas e espaços/estratégias e lugares, são os jogos entre essas categorias que constituem o cotidiano. No campo da Administração, os trabalhos de Certeau (2008) já foram utilizados como base de diversos estudos. Oliveira e Cavedon (2013), por exemplo, destacam que a partir dessas proposições certeuanianas é possível compreender o cotidiano organizacional como espaço de práticas que constituem micropolíticas em meio à esfera normativa dos processos de gestão (Oliveira & Cavedon, 2013), sendo as micropolíticas exatamente esse jogo entre estratégias e táticas. Gouvêa e Ichikawa (2015) discutem os processos de alienação e resistência no cotidiano de uma cooperativa, destacando como as lógicas de organização coletiva podem ser descaracterizadas a partir da imposição de práticas gerencialistas em organizações cooperadas. Ainda que haja possibilidades de resistência frente as práticas estratégicas, as referidas autoras destacam que as mesmas podem ser cooptadas por discursos de eficiência que não são condizentes com a realidade esperada pelos sujeitos sociais quando se engajam em cooperativas. Já Leite-da-Silva, Carrieri e Souza (2012) debatem o fazer estratégias nas organizações a partir de uma perspectiva construcionista. Os referidos autores destacam a necessidade de compreensão das práticas a partir de uma abordagem que articule as dimensões micro e macro de análise das organizações.

Nesse jogo entre estratégias e táticas e espaço e lugares, Certeau (2002) destaca a relevância do corpo, pois se no espaço os sujeitos podem exercer seu potencial criativo, nos lugares eles são transformados em corpos individuais, nos quais, inscritas em seus gestos e ações, estão as maneiras de ocupar o espaço social. No lugar, o corpo do sujeito é submetido às normas e aos códigos pelos quais são regidos (Certeau, 2008). Já no espaço, o corpo pode ser pensado e produzido a partir de suas resistências e reapropriações táticas das relações sociais.

O Conceito de Corpo para Michel de Certeau

Apesar de muitas das discussões realizadas nos Estudos Organizacionais sobre os trabalhos de Michel de Certeau terem como centralidade o conceito de práticas, o referido autor também apresenta outras perspectivas de debates teóricos, a exemplo do corpo. As discussões sobre o corpo para Certeau (2008) ocorrem entrelaçadas com os debates sobre práticas, espaços e lugares.

Ao entrelaçar as discussões sobre práticas e corpo, Certeau (2002) desvia do entendimento da passividade do corpo frente às práticas sociais. Para o autor, cada sociedade tem 'seus corpos' assim como tem suas 'línguas', portanto, comportam múltiplas variações e improvisações de corpos fugidios e disseminados, muito embora estes também sejam controlados (Foucault, 2010). A problematização dos sujeitos acompanha a espacialização dos corpos (Certeau, 2002), pois assim como os sujeitos não possuem formas acabadas, os corpos também são praticados. É preciso compreender como os corpos são praticados em movimento (gritos, vozes escondidas, movimentos dissonantes que infringem a codificação social), assim possibilitando compreender sua espacialização (Certeau, 2002).

Assim como as práticas formam tecnologias de poder (estratégias) e de resistências (táticas), os corpos também são produzidos a partir dessa dinâmica. Afinal, caminhar pela cidade implica colocar o corpo em ação, seja reproduzindo as lógicas de dominação ou incorporando formas de resistência frente ao cotidiano que nos é dado. Nesse sentido, existe uma relação direta entre as práticas que produzem o cotidiano e, conseqüentemente, os corpos dos sujeitos e a dinâmica de produção dos espaços e dos lugares.

Conforme afirma Dosse (2004), Michel de Certeau nos chama a atenção para o entendimento de que é a atividade que qualifica o espaço, ou se são as ações que qualificam os corpos dos sujeitos. Dosse (2004, p. 3) destaca que, para Certeau (2008), discutir o corpo a partir dos esquemas de vigilância é retirar "o corpo das ruas que o rodeiam de acordo com uma lei anônima produzindo a ilusão de que se pode tudo controlar, ilusão essa que pretendia fazer com que o homem tomasse o lugar de Deus". Então, as práticas do espaço possibilitam recolocar o corpo "em ação" no espaço social e compreender as multiplicidades espaciais produzidas pelos praticantes (Dosse, 2004).

De acordo com Buchanan (1996), para Michel de Certeau o espaço não é a localização da vida cotidiana, mas é seu produto. Assim, os corpos não existem no espaço, o espaço é, ao contrário, o meio pelo qual os corpos são e podem ser conectados; portanto, pode-se considerar que o próprio espaço é também corporal (Buchanan, 1996). Com isso, conforme afirma Dosse (2004), Michel de Certeau nos chama a atenção para o entendimento de que é a atividade que qualifica o espaço, ou se são as ações que qualificam os corpos dos sujeitos. Dosse (2004, p. 3) destaca que, para Certeau (2002), discutir o corpo a partir dos esquemas de vigilância é retirar "o corpo das ruas que o rodeiam de acordo com uma lei anônima, nem possuído, jogador ou jogado", produzindo a ilusão de que tudo pode ser controlado, caracterizando a modernidade na ânsia, como pleno domínio da natureza, ou

da sobreposição da cultura sobre a natureza. Então, as práticas do espaço possibilitam recolocar o corpo “em ação” no espaço social e compreender as multiplicidades espaciais produzidas pelos praticantes (Dosse, 2004).

A contribuição teórica que apresentamos nesse artigo é o entendimento do corpo como categoria teórica e empírica de mediação de constituição das práticas de organização, com algumas especificidades sobre contextos nos quais as práticas e culturas populares são essenciais para a sua constituição, a exemplo do campo do artesanato. Em relação às estratégias e as táticas, o corpo possibilita destacar os efeitos das relações de trabalho entre os sujeitos sociais, enfatizando como essas práticas se reconfiguram para a manutenção e a transmissão de saberes e fazeres específicos das organizações. Com efeito, é possível compreender como as relações de trabalho entre os sujeitos sociais contribuem para performar os corpos. Em termos de discussão sobre a centralidade do corpo para compreender a produção dos espaços e lugares, as discussões propostas por Certeau (2008) destacam que os espaços sociais são espaços corporais, portanto, a produção dos lugares nas relações de trabalho e organizacionais deve ser pensada também a partir dos corpos que habitam esses lugares.

Para Certeau (2002) o corpo, assim como a linguagem, não é revelado em sua totalidade, mas em seus fragmentos, em seus gestos dispersos pela sociedade. Sendo assim, no lugar, o corpo do sujeito se conforma às normas e aos códigos que os dirigem. Portanto, assim como as práticas produzem diferentes espacialidades e os corpos dos sujeitos, inscrevendo-se neles processos sociais.

■ Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi desenvolvida a partir da adoção da etnografia (Clifford, 2008), método de pesquisa já incorporado aos Estudos Organizacionais, baseado em diferentes abordagens qualitativas (Oliveira & Cavedon, 2015; Figueiredo; 2013; Gherardi, 2012). A escolha da cidade de Goiás, Estado de Goiás, para a realização do estudo, ocorreu por haver sido tombada pela UNESCO como patrimônio da humanidade (Delgado, 2005), sendo reconhecida pela realização de diversos eventos culturais goianos. A pesquisa foi conduzida com a mestra artesã da referida cidade, conhecida pela produção do “empadão goiano”, prato típico do Estado de Goiás que está em processo de patrimonialização pelo IPHAN (2016).

É preciso destacar que durante a entrada em campo, as pesquisadoras fizeram tentativas de realização do estudo com outras duas mestras artesãs na produção do “empadão goiano” que se mostraram receosas com a realização do estudo. Segundo elas, o receio era que a receita da empada fosse copiada pelas pesquisadoras e as ‘mirongas’, ou ainda, que os segredos das mulheres goianas na produção do empadão fossem revelados. Por isso, optamos pela realização da pesquisa de caráter etnográfico com a mestra artesã que mais se mostrou disposta a colaborar com o estudo, sem grandes impedimentos e restrições, permitindo que observássemos o uso dos ingredientes ou a manipulação das massas e

dos recheios, integrando um conjunto de saberes e de fazeres que, de acordo com o Iphan (2016), é característico do Estado goiano. De acordo com Figueiredo (2013), os mestres artesãos se caracterizam pelo domínio de saberes e fazeres que articulam o engajamento entre corpo, mente, emoções e espaço produzidos em contextos culturais específicos. Por isso, mais do que saber as matérias-primas de determinada maestria, é a incorporação desse engajamento que torna um aprendiz em mestre. Essa é uma das justificativas do receio de realização do estudo por parte de algumas mestras artesãs como forma de disseminação do domínio do saber-fazer típico daquela localidade.

De acordo com Clifford (2008), a etnografia se caracteriza pelas vicissitudes da tradução, do aprender a fazer e a dizer do campo de pesquisa, o que Certeau (2008) denomina de práticas. No mês de agosto do ano de 2015, uma das pesquisadoras deste artigo, que denominaremos a partir de agora de Maria, negociou com Marizete, mestra artesã conhecida na cidade de Goiás, pela produção do “empadão goiano” para a realização do estudo, que foi prontamente autorizado. As primeiras imersões em campo com outras mestras artesãs, que não Marizete, realizadas por uma das pesquisadoras desse artigo que não é natural da cidade de Goiás, não foram bem-sucedidas. Já Maria, que é residente da cidade de Goiás desde o seu nascimento, conseguiu estabelecer vínculos de confiança com Marizete. A abordagem de Maria a Marizete, enfatizando o conhecimento das tradições culturais da cidade de Goiás, facilitou a construção da relação de confiança entre pesquisadora e pesquisada.

A etnografia iniciou-se no mês de agosto do ano de 2015, sendo finalizada no mês de fevereiro do ano de 2016. As observações participantes, caracterizadas pelo auxílio à Marizete na produção, distribuição e comercialização do empadão, foram descritas em diários de campo, conforme preconiza o método etnográfico (Clifford, 2008), cuja realização se deu entre os meses de agosto de 2015 e fevereiro de 2016, na casa da mestra artesã, onde ela desenvolve as atividades de produção e comercialização do empadão. Durante o trabalho de campo, Maria auxiliava Marizete no desenvolvimento de suas atividades, bem como se envolvia em um processo de aprendizagem sobre como produzir o “empadão goiano”. As atividades eram realizadas no período da tarde, de duas a três vezes por semana, totalizando cinquenta e seis diários de campo.

Marizete nasceu na cidade de Goiás na década de 1950. Sua mãe era conhecida na cidade por fazer “salgados” para festa, entretanto, não era essa atividade profissional pela qual optara em sua vida, tendo inicialmente trabalhado com vendas, enquanto a culinária era praticada somente aos finais de semana. Na década de 1980, Marizete, desempregada, começou a produzir empadas como forma de gerar renda para a família, visto já estar casada e com três filhos. Inicialmente, produzia as empadas para venda em atividades de turismo cultural em Goiás, uma vez que a cidade havia iniciado seu processo de tombamento como patrimônio cultural estadual desde 1950 (Iphan, 2016). Isso resultou na produção de diversos eventos culturais na localidade, a exemplo do carnaval e da procissão do Fogaréu (Delgado, 2005), além de feiras pela localidade. Marizete também começou

a produzir as empadas para festas e eventos sociais em Goiás e, há dez anos, trabalha sozinha na produção do “empadão goiano”, somente sob encomendas diretas de clientes, visto seu reconhecimento de maestria com essa atividade.

Durante as observações participantes, Maria percebia que Marizete sempre associava o fazer de sua atividade às histórias de sua vida, levando-nos a adotar as entrevistas informais de história de vida, que não eram gravadas, devido ao receio de disseminação dos segredos do saber-fazer do “empadão goiano”. Dessa forma, reproduzimos tais diálogos nos diários de campo, com autorização da entrevistada. As análises interpretativas foram construídas com base nas articulações teóricas entre o êmico, o ético e o teórico, conforme propõe o método etnográfico (Clifford, 2008). A partir disso, foram construídas duas grandes categorias temáticas, com base nas articulações teóricas desenvolvidas por Certeau (2002), sendo: as relações entre estratégias e táticas com o corpo e as relações entre os espaços e lugares com o corpo (Figura 1). As análises da primeira categoria temática foram construídas a partir da identificação das práticas estratégicas e táticas que caracterizam o saber e o fazer da mestra artesã, assim como as formas de sua transmissão e incorporação pela pesquisadora, Maria. A segunda categoria resultou das análises das práticas de organização dos espaços e dos lugares constituídos pelo corpo da mestra artesã e da pesquisadora. Entendemos o corpo como categoria de mediação e de constituição das práticas de organização do contexto pesquisado.

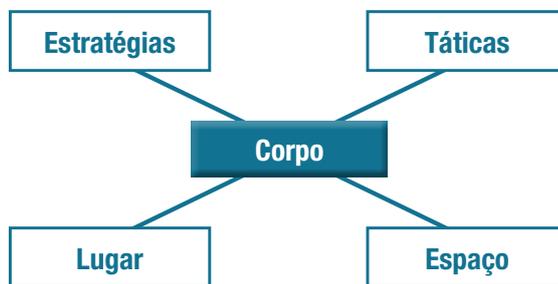


Figura 1. Esquema de análise dos resultados da pesquisa

Fonte: da pesquisa.

Em relação à primeira categoria de análise, o esquema de discussões que propomos enfatiza a identificação dos elementos que constituem a maestria artesanal de Marizete e a sua forma de transmissão para Maria, portanto, focada nos sujeitos de pesquisa. O segundo momento das discussões, no qual o corpo é apresentado como categoria de mediação para compreender as relações entre espaços e lugares, destacamos as relações de Marizete e Maria com o contexto organizativo das práticas artesanais.

As duas categorias de análise serão debatidas na próxima seção deste artigo, com base na etnografia realizada. Destacamos que os nomes utilizados neste artigo são fictícios.

Resultados e Discussões sobre a Pesquisa

Optamos pela estruturação dos debates em dois momentos. Primeiramente, destacamos as relações entre as práticas (estratégias e táticas) e a produção do corpo na organização pesquisada, seguido das relações entre corpo e espaços/lugares. Desse modo, acreditamos que será possível compreender a centralidade do conceito de corpo para as discussões sobre os principais conceitos de análise teórica desenvolvidos por Certeau (2008), incorporados aos Estudos Organizacionais, especificamente os Estudos Baseados em Práticas (EBP).

As Relações entre as Práticas Estratégicas e Táticas com o Corpo

Para Certeau (2008, p. 175), os estudos sobre práticas devem compreender os “procedimentos – multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveria levar a uma teoria das práticas cotidianas do espaço vivido”. Assim, existe uma relação imbricada entre as redes de práticas de disciplinas, que são as estratégias, e os procedimentos astutos dos sujeitos, que são as táticas. O referido autor destaca em suas teorizações que em meio às tentativas de normatizar a sociedade, o caráter disperso das táticas tem a capacidade de minar a ordem normativa, ou mesmo reforçá-la, pois se tais desvios fortalecerem ganhos futuros das estratégias, então “fecham os olhos” às burlas do sistema (Certeau, 2008).

No cotidiano da pesquisa, essas redes de práticas foram destacadas logo nas primeiras observações, quando Maria (pesquisadora) foi convidada por Marizete (mestra artesã) a participar das atividades de produção do “empadão goiano”, pois, conforme destaca Certeau (2008), as maneiras de fazer e as práticas dizem respeito aos domínios de saberes e fazeres. Então, o saber-fazer pode tanto se configurar de forma estratégica, reforçando o lugar do próprio, de quem tem o saber e pode falar sobre ele, ou tático, desviando das imposições e se abrindo ao outro:

Primeiramente, Marizete pediu para que eu descascasse batatas que já estavam previamente cozidas. Fui descascando com uma maior delicadeza porque não sabia como ela fazia e fiquei com receio de não ser daquela forma. Quando ela me viu fazendo assim, disse que não precisava me preocupar com a forma, mas que tinha que ser mais rápida, pegou a batata e descascou em poucos segundos. Ela usava uma das mãos para rodar a batata e a outra com a faca ia puxando a casca. Eu tentei repetir o ato, mas demorei muito mais que Marizete para descascar uma batata. Enquanto cortei uma batata ela cortou três. Sua técnica era ajeitar a batata em pé na sua mão e fazer cortes profundos verticais e horizontais. Tentei fazer da mesma forma, mas acabei por cortar minha mão (Diário de Campo, 15 de agosto de 2015).

O domínio prático do saber determina a posição que ocupamos em determinados espaços sociais, considerando que as modalidades de ação possuem um caráter político, pois a atuação dos sujeitos sociais se

articula com lógicas fornecidas pela conjuntura, circunstâncias que lhes são exteriores, mas que diante de um “golpe de vista” (Certeau, 1985), conseguem reconhecer conjuntos de ações passíveis de transformar a existência cotidiana, ou mesmo reproduzi-la. A prática de descascar as batatas indica justamente a posição de cada uma na cozinha, mas diz muito sobre como os saberes são produzidos e reproduzidos no contexto. O domínio estratégico do corpo é essencial para o desenvolvimento das práticas de produção do empadão. Por isso, logo no primeiro dia da pesquisa de campo, Marizete “apresentou” o domínio de seus saberes e fazeres usando práticas corporais. Como afirma Sennett (2009) sobre o trabalho artesanal, a consolidação de uma prática transforma gradualmente os atos da mão em conhecimento tácito, que não está somente no corpo, mas no engajamento com o ambiente como um todo. Por isso a forma certa de segurar a batata e de utilizar a faca.

Oliveira e Cavedon (2013) destacam que esse jogo de práticas no cotidiano organizacional constitui micropolíticas, as políticas da vida cotidiana, que neste estudo adquirem centralidade pelas práticas corpóreas. As micropolíticas, para as referidas autoras, referem-se às relações do confronto das práticas com lógicas de ação determinadas histórico-culturalmente, pois apresentam um cunho processual e produzem efeitos no cotidiano devido ao seu caráter relacional com as esferas normativas da sociedade (Oliveira & Cavedon, 2013). Essas políticas da vida cotidiana podem até mesmo, sob a aparência de reprodução, transgredir ou estabelecer outros processos de organização social imbricados nas condições de existência vigentes (Certeau, 2008).

De acordo com Certeau (2002), existe um esforço em colocar os corpos sob a lei de uma escritura, pois manter os corpos submetidos às normas tem como efeito fazer com que estes ditem códigos. Por isso, as práticas estratégicas de domínio do saber e organização dos modos de trabalho são materializadas no corpo. De acordo com Harding (2002), esses códigos não dizem respeito apenas às questões biológicas (cor, tamanho, forma) mas também às produções sociais relacionadas ao corpo. Como exemplo, Harding (2002) discute a questão da barba. Associada à masculinidade e à rebeldia, a barba se tornou um símbolo de resistência ao controle. Por isso, um queixo bem barbeado demonstra a supressão da natureza e a não elisão do controle gerencial (Harding, 2002).

Considerando que o cotidiano se constitui a partir dos jogos entre estratégias e táticas, também há possibilidades de resistências frente à imposição do que e como se deve fazer. Durante o processo de incorporação das práticas estratégicas de domínio do corpo, Maria resistia face à determinação de seu lugar, operando golpe por golpe para especializar seu corpo e sua posição naquele lugar, especialmente para produzir o melhor engajamento de seu corpo com aquele ambiente, conforme discutem Figueiredo e Cavedon (2015) sobre a maestria artesanal:

Com o tempo percebi que posso desenvolver algum tipo de autonomia em minhas atividades. Fizemos a massa e dessa vez, já comecei a acompanhar ela com os olhos, adivinhei algumas vezes qual seria o próximo passo, mas outras erre! (Diário de Campo, 20 de fevereiro de 2016).

Os corpos são praticados em movimento (olhares, deslocamentos, vozes) que taticamente podem atuar para provocar deslocamentos nos lugares e, ao articulá-los, produzir espaços. Maria tenta taticamente transpor a imposição de movimentos ao seu corpo, produzindo seus próprios movimentos. Por isso, a preocupação em se “antecipar” à mestra artesã como forma de produzir espaços de atuação que não “próprios”.

A partir de diferentes táticas, seja em termos físicos ou simbólicos, Maria tenta se apropriar das maneiras de fazer gestão e as maneiras de fazer culinária, evidenciando as interconexões entre as táticas e estratégias discutidas por Certeau (2012; 2002). As táticas físicas se relacionam às relações estabelecidas entre a mestra artesã e a aprendiz com os objetos que constituem o cotidiano pesquisado. A forma de descascar as batatas com o domínio da técnica do corte e a sequência de movimentos do corpo “sem pensar” evidenciam a relevância de produzir a própria forma de relação com os objetos que é transmitida pelo olhar, constituindo a dimensão simbólica das táticas analisadas.

As práticas estratégicas são melhor identificadas quando consideramos a produção dos espaços e dos lugares no contexto pesquisado. Nesse sentido, é importante destacar como a produção de espaços é um meio pelo qual os corpos são e podem ser conectados, configurando o espaço também como corporal (Buchanan, 1996), que será discutido na próxima seção deste artigo.

As Relações entre os Espaços e Lugares com o Corpo

Certeau (2002) destaca que discutir o corpo somente a partir das técnicas disciplinares, ou sob os “olhos do poder” é renunciar aos “corpos da rua”, àqueles que se colocam em ação de forma a reconfigurar as práticas de resistência de constituição da vida cotidiana. Se uma das características dos espaços sociais é a incompletude que possibilita aos sujeitos “jogarem” no cotidiano baseados em seu potencial criativo, as estratégias capitalizam tais trajetórias móveis para estabelecer lugares (Certeau, 2002). No contexto organizacional, o principal efeito esperado das práticas estratégicas é a eficiência materializada na produção do contexto de trabalho. Por isso, o espaço organizacional é pensado de forma engajada com o corpo em ação nesse contexto.

Após essa conversa, Marizete me falou que faria alguns pastéis de carne para uma encomenda se gostaria de observá-la fazendo, aceitei o convite e direcionamo-nos a cozinha. De início, achei pequena e simples, mas à medida que abria as portas dos armários via várias ferramentas interessantes. Marizete possui tudo ao alcance da mão, sempre que pega alguma coisa é muito rápido e demora poucos segundos para usar e guardar novamente (Diário de Campo, 10 de novembro de 2015).

Essa eficiência produzida pelas estratégias pode ser compreendida a partir das articulações com a produção e as formas de ocupação dos lugares pelo corpo. Nesse sentido, o corpo faz parte do cotidiano, sendo praticado de forma a “especializar” os lugares. Por isso, Marizete dispõe seus utensílios a partir de seus movimentos corporais e Maria tenta se antecipar à Marizete

na produção dos empadões para reconfigurar as relações estabelecidas naquele contexto. Com efeito, o espaço social pode ser compreendido como discursivamente mapeado e corporalmente praticado (Clifford, 2008). Então, a partir das práticas corpóreas é possível entender as “maneiras de fazer” que reapropriam o espaço organizado pelas técnicas estratégicas, formando uma rede de “antidisciplina” (Certeau, 2008).

Por incrível que pareça, ao ajudá-la a fazer as empadas, consegui manusear tudo com uma maior facilidade e habilidade. Acho que estou pegando o jeito! Marizete olhou tudo o que piquei e desfiei, disse que estava ótimo e que não precisava mexer mais. Notei que “peguei” várias de suas “manias”, a exemplo de arrumar sempre a touca e lavar as mãos entre um alimento o outro. Já ando com um pano no ombro para enxugar as mãos e consegui acompanhar mentalmente qual seria o próximo passo na feitura do empadão e sua relação com a disposição dos objetos pela casa (Diário de Campo, 8 de setembro de 2015).

As “manias” de Marizete, ou seja, suas práticas sociais e organizacionais, dizem respeito sobre como seu corpo é praticado na constituição de seu cotidiano de trabalho. Portanto, os espaços e lugares produzidos pela mestra artesã somente podem ser compreendidos pela produção de seu próprio corpo. Ele é efeito e mediador das atividades cotidianas de seu trabalho. Para que Maria espacializasse os lugares na organização, era necessário que ela também incorporasse os saberes e fazeres de Marizete em seu próprio corpo. Por isso, Maria “pega” as manias de Marizete para reconfigurar os lugares estabelecidos.

É por isso que para Certeau (2002), o “local” dos sujeitos é no espaço social, pois é onde os indivíduos são interpelados constantemente pelo “outro”, podendo se constituir enquanto sujeitos. Esse reconhecimento, no contexto pesquisado, se refere à incorporação das práticas corporais, pois é no/pelo corpo que a organização se constitui. Nesse sentido, não podemos compreender o corpo como um quadro no qual se inscrevem as práticas sociais, mas a dimensão corpórea como dimensão dessas práticas. Para que o corpo tenha essa centralidade nas dinâmicas, é necessário o constante fazer, refazer e fazer de novo, como lembra Sennett (2009).

Após dispor a massa sobre a bancada, ela pegou um copo e uma colher. Com a colher, Marizete distribuiu “montinhos” de carne por sobre a massa sempre performando a carne com uma das mãos. Enquanto a carne “caía”, ela fazia círculos em volta da carne e em seguida dobrava a massa. Marizete disse que há um objeto específico para “dar forma” a massa, mas que não consegue usá-la por que fez com o copo a vida e suas mãos já estão acostumados com isso. Depois disso, ela pegou uma forma e colocava as massas uma sobre a outra sempre “ajeitando” com as mãos. Ela usava mais os três dedos do meio da mão com os quais fazia uma “massagem na massa” e os guardou na geladeira. Marizete afirmou que não fritaria ou cozinaria a massa naquele momento, pois “murcharia” a sua produção resultando não produzindo o resultado esperado (Diário de campo, 5 de agosto de 2015).

A incorporação das “manias de Marizete” por Maria perpassa o entendimento de que os espaços e os lugares são produzidos

concomitantemente com o “outro”, implicando, para Certeau (2002), um processo de produção de saberes, “maneiras de fazer”, o nosso cotidiano. Esse outro pode ser tanto um sujeito como um objeto. Por isso, a utilização de “massagens” na massa e o seu tratamento de forma que “não se machuque” ou “seja machucada”. As “manias” são saberes práticos incorporados na medida em que as lógicas de ação são compreendidas em meio aos jogos políticos que constituem o cotidiano organizacional. Sem corpo não há prática e sem prática não há organização. Sendo assim, como bem discute Certeau (2008), as nossas “manias”, a exemplo de nossas práticas culinárias, como as de Marizete de “ajeitar a touca”, “lavar as mãos” ou “jogar o guardanapo” nas costas enquanto cozinha, são fragmentos que emergem das “vozes do corpo”, as vozes saindo do corpo que “se lembra” de sua historicidade. Das relações entre práticas e corpos surgem as organizações como experiências da vida cotidiana que nos é imposta, mas que lance por lance podem ser transformadas em sua dimensão micropolítica.

Conforme apresentamos teoricamente, o corpo é uma categoria teórica e empírica de entendimento sobre as práticas que produzem os espaços e os lugares nas organizações. No contexto pesquisado, é a relação da maestria corporificada de Marizete que produz os lugares na cozinha, seja da aprendiz Maria, seja dos objetos utilizados para a realização de suas atividades. Por isso, os armários, os produtos e os objetos são dispostos de forma que produzam uma linguagem específica do ambiente. Linguagem essa que quando não compreendida causa estranhamento. Por isso, enquanto Maria não incorporava essa linguagem, ela estranhava o modo de organização da cozinha. Essa linguagem produzida entre corpo e organização é essencial para as análises dos processos organizacionais.

Considerações Finais

Ao desenvolvermos o objetivo desta pesquisa, compreender a importância do corpo na constituição das práticas de organização de uma organização artesanal na cidade de Goiás, do estado Goiás, foi possível compreender o corpo como sendo praticado estratégica e taticamente e se constituindo como local e articulador entre lugares e espaços. Com efeito, defendemos o entendimento de que práticas de organização se constituem a partir de micropolíticas do corpo no cotidiano de vida social, especialmente na produção do cotidiano organizacional.

Essa articulação teórica dos Estudos Baseados em Práticas e do corpo, cuja base foram as proposições de Certeau (2008; 2002), destacou a relevância de se pensar as práticas de organização a partir das práticas corpóreas, como pode ser observado em outros estudos a partir de outras concepções teóricas (Harding, 2002; Flores Pereira, 2008; Gherardi, 2012). Isso porque, conforme destacamos ao longo deste texto, o corpo pode ser melhor compreendido nas análises organizacionais se considerarmos os jogos políticos que caracterizam o cotidiano organizacional e que são incorporados pelos sujeitos sociais.

Para além de uma perspectiva institucional, que consideraria a compreensão do corpo a partir de construções macrossociais, optamos por discutir as relações entre práticas e corpo com base em uma perspectiva do cotidiano. Ademais, destacamos como as mínimas formas de nos deslocarmos, nos vestirmos, ou pensarmos a organização a partir do corpo, destacam tais questões políticas. Por isso, os movimentos de se antecipar a uma prática culinária, como as desenvolvidas pela pesquisadora Maria, ou o destaque às “manias” de Marizete de produção do empadão goiano, foram relevantes em nossas análises. Foi a partir dessa perspectiva que conseguimos evidenciar o corpo como categoria de análise central para a compreensão do funcionamento capilar das técnicas estratégicas e táticas das práticas organizativas. Esse processo culminou com o entendimento de que a proposta positivista do corpo sob o domínio da racionalidade mental pode ser questionada, pois nossas práticas corpóreas produzem as políticas da vida cotidiana.

Do mesmo modo, falar em espaços e lugares nos Estudos Organizacionais implica problematizar o corpo habitado e produzido nas/pelas práticas. Isso porque o cotidiano que nos é imposto, conforme apresenta Certeau (2002), impõe a experiência corporal que suporta e se espacializa na resistência aos lugares próprios. Então, outras práticas e outras experiências se constituem no corpo como forma de produzir outras dinâmicas dos processos organizativos, seja por se antecipar à norma ou pela adequação às “manias” incorporadas estrategicamente.

Sobre o conceito de práticas, foi possível observar no trabalho de campo que as “maneiras de fazer” da mestra artesã perpassam um conhecimento incorporado. Por isso, ela não sistematizava a transmissão de seu saber por meio da fala, mas da aprendizagem corporal de Maria. As formas de olhar, de se relacionar com os objetos ou de “dominar” a técnica de cozinhar os alimentos foram todos apreendidos pelos sentidos. Por isso, olhar e fazer são práticas essenciais na constituição da organização analisada nesse estudo e que colocam o corpo como central no entendimento das análises organizacionais.

O corpo “em ação”, como discute Certeau (2008), possibilita compreender as multiplicidades espaciais produzidas pelos praticantes. Por isso, o corpo precisa produzir espacialidades nas organizações. No contexto deste estudo isso foi evidenciado pela produção do espaço da cozinha. Poucos armários, para que o corpo possa circular, com os objetos ao alcance das mãos, para diminuir o tempo de manipulação da produção artesanal, assim como “carregar” um pano de prato junto ao corpo foram caminhos desenvolvidos por Marizete para articulação corpo-espaço.

O percurso de análise organizacional que propomos neste texto destaca uma crítica ao entendimento do corpo como produto ou seu entendimento a partir somente de experiências. Compreendendo como as organizações são produzidas pelas práticas, o corpo se constitui como importante elemento político desse processo ao ser estratégica e taticamente praticado para a constituição de espaços e lugares nas organizações. É por isso que argumentamos ao longo deste texto o entendimento de que as micropolíticas do corpo produzem o cotidiano organizacional, sendo necessária a

incorporação do conceito de corpo aos debates dos EBP nos Estudos Organizacionais, especialmente quando a base teórica é desenvolvida a partir de Michel de Certeau.

Esperamos com essas discussões um avanço teórico dos Estudos Organizacionais no entendimento da micropolítica do corpo nos processos organizativos, como bem já fizeram outros autores a partir de diferentes caminhos de análises em relação a esta pesquisa (Figueiredo, 2013; Flores Pereira, Davel & Cavedon, 2008). Para além das dualidades de entendimento do corpo como material ou simbólico, é necessário o entendimento das relações entre estratégias e táticas, espaços e lugares, possibilitando a compreensão do corpo como espaço praticado. Sendo assim, é possível compreender as dinâmicas que “perturbam” o corpo no cotidiano de trabalho, problematizando caminhos para tais debates que transcendam as ações rotineiras e repetitivas. Nosso olhar recai, portanto, aos conflitos, ainda que silenciosos, porém não menos subversivos, que nossos corpos enfrentam todos os dias na vida e que, por vezes, são desconsiderados nas análises sociais.

Realizar esses estudos em outras organizações pode destacar como as práticas de organização produzem biopolíticas no espaço organizacional, avançando nos debates sobre práticas e corpo apresentados neste estudo. Com isso, será possível não somente incorporar o uso de outras tecnologias de gestão, a exemplo das digitais, mas também trabalhar de forma transversal com questões de gênero e raça, o que não foi possível debater nesta pesquisa devido às especificidades teóricas e organizativas aqui apresentadas. Com efeito, compreender os processos organizativos a partir das micropolíticas do corpo, por meio da perspectiva teórica desenvolvida por Michel de Certeau, possibilitou um avanço teórico em relação à adoção das discussões do referido autor aos Estudos Organizacionais, visto que Certeau (2008) demonstra centralidade nos conceitos de cotidiano e práticas.

Referências

- Bispo, M. S. (2015). Methodological Reflections on Practice-Based Research in Organization Studies. *Brazilian Administration Review*, 12(3), 309-323.
- Buchanan, I. (2000). *Michel de Certeau: cultural theorist*. Londres: Sage.
- Buchanan, I. Heterophenomenology, or de Certeau's theory of space. (1996). *Social Semiotics*, 6(1), 111-132.
- Certeau, M. (2008). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Certeau, M. (2002) História de corpos. *Proj. História*, 25, dez, 407-412.
- Clifford, J. (2008). *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Corradi, G., Gherardi, S. & Verzelloni, L. (2010). Through the practice lens: where is the bandwagon of practice-based studies heading? *Management Learning*, 41(3), 265–283.

- Courpasson, D. (2017). The Politics of Everyday. *Organization Studies*, 38(6), 843–859.
- Dale, K. (2001). *Anatomising embodiment and organization theory*. Basingstoke: Palgrave.
- Delgado, A. F. (2005). Goiás: a invenção da cidade “Patrimônio da Humanidade”. *Horizontes Antropológicos*, 11(23), 113-143.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (orgs). (1994). *Handbook of qualitative research*. London: Sage.
- DeWalt, K. M. & DeWalt, B. R. (2011). *Participant observation: a guide for fieldworkers*. Toronto: Altamira Press.
- Dosse, F. (2004). O espaço habitado segundo Michel de Certeau. *ArtCultura*, 9(27), 85-96.
- Feldman, M. S. & Orlikowski, W. J. (2011). Theorizing practice and practicing theory. *Organization Science*, 22(5), 1240–1253.
- Figueiredo, M. D. (2013). *A transmissão do saber-fazer enquanto intencionalidade incorporada*. Tese de doutorado em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Figueiredo, M. D. & Cavedon, N. R. (2015). Transmissão do Conhecimento Prático como Intencionalidade Incorporada: Etnografia numa Doceria Artesanal. *Revista de Administração Contemporânea*, 19(3), 336-354.
- Flach, L. & Antonello, C. S. (2011). Organizações culturais e a aprendizagem baseada em práticas. *Cadernos EBAPE.BR*, 9(1), 155–175.
- Flores-Pereira, M. T., Davel, E. & Cavedon, N. R. (2008). Drinking beer and understanding organizational culture embodiment. *Human Relations*, 61, 1007-1026.
- Foucault, M. (2010). O sujeito e o poder. In: Rabinow, P.; Dreyfus, H. L. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 296-342.
- Gherardi, S. (2012). *How to conduct a practice-based study*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Gherardi, S. (2010). Telemedicine: A practice-based approach to technology. *Human Relations*, 63(4), 501–524.
- Giard, L. (2008). Introdução. In: Certeau, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Golshorki, D., Rouleau, L., Seidl, D. & Vaara, E. (2010). *Handbook of strategy as practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gouvêa, J. B. & Ichikawa, E. Y. (2015). Alienação e resistência: um estudo sobre o cotidiano cooperativo em uma feira de pequenos produtores do oeste do Paraná. *Revista Gestão & Conexões*, 4(1), 68-90.
- Halford, S. & Leonard, p. (2006). Place, Space and Time: Contextualizing Workplace Subjectivities. *Organization Studies*, 25(5), 657-676.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN]. (2015). *Inventário Nacional de Referências Culturais vai ser apresentado para comunidade de Goiás*. Recuperado em 25 de julho, 2015, de <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/278/>

- HARDING, N. (2002). On the manager's body as aesthetics o control. *Tamara: Journal of Critical Postmodern Organization Science*, 2(1), 63-76.
- Jarzabkowski, p. (2004). Strategy as Practice: Recursiveness, Adaptation, and Practices-in-Use. *Organization Studies*, 25(4), 529-560.
- Leite-da-Silva, A. R., Carrieri, A. p. & Souza, E. M. (2012). A constructionist approach for the study of strategy as social practice. *Revista de Administração Contemporânea*, 9(Special Issue), 1-18.
- Oliveira, J. S. & Cavedon, N. R. (2013). Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. *Revista de Administração de Empresas*, 53(2), 156-168.
- Peach, A. (2007). Craft, souvenirs and commmodification of national identity in the 1970's Scotland. *Journal of Design History*, 20(30), 243-257.
- Santos, L. L. S. & Alcadipani, R. (2015). Por uma Epistemologia das Práticas Organizacionais: A contribuição de Theodore Schatzki. *Organizações & Sociedade*, 22(72), 79-98.
- Sennett, R. (2009). *O artífice*. Rio de Janeiro: Record.
- Schatzki, T. R. (2006). On organizations as they happen. *Organization Studies*, 27(12), 1863-1873.
- Tureta, C. & Alcadipani, R. (2011). Entre o Observador e o Integrante da Escola de Samba: Os Não-Humanos e as Transformações Durante uma Pesquisa de Campo. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(2), 209-227.
- Valentine, G. (2002). In-corporations: Food, Bodies and Organizations, *Body & Society*, 8(2), 1-20.
- Yakhlef, A. (2010). The corporeality of practice-based learning. *Organization Studies*, 31(4), 409-430.
- Wolf, K. (2017) Plastic Naturecultures: Multispecies Ethnography and the Dangers of Separating Living from Nonliving Bodies. *Body & Society*, 23(3) 23-47.

Agradecimentos

Agradecemos as generosas contribuições do professor Alison Cleiton de Araújo que tanto nos auxiliaram na construção do trabalho de campo. À Marizete Rocha e Maria Clara Rocha pela gentil contribuição realizada para a construção das análises deste texto. Aos avaliadores pelas leituras e relevantes contribuições para o aprimoramento do texto.